

**(Moema de Castro e Silva Olival é professora aposentada pelo Instituto de Letras da UFG, crítica literária e membro da Academia Goiana de Letras)*

A CRIAÇÃO DO MESTRADO EM LETRAS E LINGUÍSTICA DA UFG

Moema de Castro e S. Olival*

Ao ser convidada para trazer meu depoimento - como professora pioneira na área de Letras- sobre fatos marcantes no processo de criação da nossa UFG, agora, no ano 2000, nas comemorações de seus quarenta anos, sob a reitoria da professora Milca Severino Pereira, penso que, entre tantos marcos significativos para a Instituição, não poderia deixar de salientar a criação do curso de Mestrado em nossa área. Assim, explicitaremos as circunstâncias que o precederam, o apoio da Instituição através das reitorias e proreitorias de pesquisa e pós-graduação, a coragem e determinação de um pequeno grupo de professores idealistas e incansáveis. Também, os tropeços e angústias, que temperaram a nossa saga.

Por isto, recorri aos dados históricos que consegui amearhar e que me serviram de matéria para meu discurso, por ocasião do recebimento do título de professora Emérita da Universidade -isto em novembro de 1997- sob a gestão do Magnífico reitor Dr Ary Monteiro do Espírito Santo Ferreira. A magna data, para mim, coincidiu com as comemorações dos vinte e cinco anos do Mestrado, então já em fase de estabilização e produção constante.

Estes dados constituem os fundamentos vitais de um processo de aperfeiçoamento, que não diz respeito só a um curso, de uma Unidade -no caso o Mestrado-, mas à própria Universidade, na consolidação de sua trajetória sofrida, mas determinada de Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Gostaria de, antes de iniciar o meu depoimento, cumprimentar a

“A SEMENTE NÃO GERMINA, SENÃO NA TERRA QUE A ESPERA.”

VIRGÍLIO FERREIRA

Universidade Federal de Goiás

UFG

Campus Samambaia

40 ANOS

todos os responsáveis por essas comemorações, porque entendemos que recorrer à memória histórica é sempre um exercício de cidadania. Nenhum povo, nenhuma comunidade, pode se arregimentar em sua nacionalidade, em seus valores, nenhum povo pode assumir sua identidade, se não sabe cultivar a sua memória histórica.

E é o que a nossa Universidade resolveu fazer, com a série de rememorações proposta.

Assim, principio a minha caminhada pelos trilheiros da nossa História como professora partícipe de um projeto de construção cultural que viria revolucionar o nosso Estado, e que traduziria o ideal ousado e corajoso que alimentava os sonhos de seu fundador-professor Colemar Natal e Silva -de sua equipe administrativa e dos seus professores pioneiros.

E esta caminhada, para mim, teve como ponto de partida, o primeiro voto de confiança que me foi dado, nesse espaço, quando, após termos o currículo aprovado pela comissão do primeiro Concurso de Títulos estabelecido para selecionar os professores da Área de Letras, tivemos o nome referendado pelo primeiro Reitor e fundador professor Colemar Natal e Silva, meu pai.

Foi o sinal de partida. Jovem professora de ensino médio, como muitos dos outros selecionados -era o desafio dos pioneiros- tinha, a meu favor, cursos de boa recomendação acadêmica, e desejo intenso de aperfeiçoamento. Neste intento, aproveitamos todas as oportunidades que nos foram dadas, em iguais condições dos demais professores, inclusive, nos inscrevendo, professor Louvercy Olival -meu marido, que entrou na Universidade um ano depois de mim e que já tinha larga experiência de magistério, mesmo de nível superior, tendo sido professor na Católica, na disciplina Filologia Românica- e eu, no primeiro Curso de Linguística para professores universitários das áreas de Língua Portuguesa e Linguística, oferecido no País, e dado na UnB, pelo professor Dr Aryon Dall Ignea Rodrigues e pelo Instituto Summers dos EEUU, com duração de dois meses e regime intensivo.

Esta era a grande preocupação da Reitoria: qualificar seu pessoal docente, para que a jovem Universidade atendesse ao perfil que lhe fora projetado pelos seus idealizadores, o de agente revolucionário do espaço cultural de Centro-Oeste, num ritmo progressista, conforme o exigido pelos tempos modernos.

Assim, caminhamos, como a maior parte dos pioneiros, paralelamente à trajetória da própria Universidade, ajudando a alicerçar seus pilares fundamentais na qualidade do ensino e da pesquisa e atentos aos interesses da comunidade

Bem vivos, na memória, estão os seminários de Língua, Literatura e Linguística, trazendo nomes de projeção de fora, principalmente da USP e destinados à reciclagem dos professores do ensino médio -em grande parte nossos alunos na faculdade-, mas que também valiam como cursos de extensão para nossos mestres, em convênio da Universidade Federal com o Estado.

O professor Louvercy era assessor da Secretaria de Educação



do Estado e organizador destes cursos que movimentavam a comunidade docente, despertando o amadurecimento de uma imprescindível consciência crítica, e o desvelar de novos horizontes no campo da pesquisa e da docência, de modo a provocar o interesse de aperfeiçoamento da parte de nossos profissionais do ensino.

Mencionei estes fatos levada pelo desejo de deixar bem esboçados os prenúncios do anseio que determinaria a criação, por parte da Universidade, de seus Cursos de Mestrado. Mas, para isto, era imprescindível que tivéssemos professores de currículo qualificado, que pudessem oferecer um quadro de docentes capaz de arcar com a responsabilidade do Mestrado, recebendo do Conselho Federal de Educação o veredito de aprovação.

Começaram, então, as saídas para doutoramento, pois era fundamental que tivéssemos nossos próprios doutores.

Primeira professora, em exercício, na área de Letras -digo isto, porque o professor Gilberto Mendonça Teles, afastado pela revolução, realizou esta tarefa acadêmica ainda no exílio- a se inscrever para o doutoramento na USP, fiz a defesa de tese em torno da obra de nosso grande Bernardo Élis, isto em 1972, merecendo, para grande alegria de todos nós, nota Dez, com louvor. O trabalho, intitulado *O Processo Sintagmático na Obra de Bernardo Élis*, recebeu sugestão da Banca, no momento da defesa, para que fosse publicado com o nome de *O processo Sintagmático na Obra Literária*, dada a abrangência de seu enfoque, saindo a edição em 1976.

Mas era mister reverter este aproveitamento para a comunidade universitária. Assim pensávamos, bem como os demais doutores que foram chegando, vindos de seus doutoramentos, em grande parte, feitos nessa grande Universidade que é a Universidade de São Paulo. Entre os primeiros, se não me falha a memória, tínhamos: Professor Ático Vilas Boas Mota, professora Celenita Amaral Turchi, Monsenhor Primo Vieira.

A nossa própria Universidade sentia que o momento de uma arregimentação de forças era chegado. No belo pensamento de Virgílio Ferreira, que serve de epígrafe para este depoimento, "A semente não germina, senão na terra que a espera".

Ao mesmo tempo, nossas autoridades universitárias, representadas, então, pelo Reitor Farnese Dias Maciel, pelo Sub-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação -Dr Mário Coelho-, pela Diretora do ICHL, Profa

Lena Castelo Branco, firmaram convênio com a USP que tinha, então, como Reitor, Professor Miguel Reale, e como Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Dr Eurípedes Simões de Paulo, nosso grande advogado junto àquela Instituição. Assim, foi firmado convênio, datado de 1/01/1972 -em torno de um núcleo comum de especialização, primeiro passo mais concreto para a criação do Mestrado.

Pelos termos do Acordo, que durou dois anos -1972 a 1974-cobrando as áreas de História e de Letras, a USP enviaria, periodicamente, a Goiânia, professores especializados, da área de Ciências Humanas e Letras, que, aqui, ministrariam cursos de especialização. Aulas e trabalhos realizados poderiam ser computados como créditos para os alunos que desejassem concluir seus estudos de Pós-Graduação na Faculdade, obedecida a legislação então em vigor, o que acabou acontecendo, também, em relação ao nosso Mestrado, que -uma vez testadas as nossas forças- foi criado em 1974, podendo, os futuros mestrandos, completar seus créditos iniciados no Acordo, e, agora, continuados no Mestrado da UFG, onde defenderam suas dissertações, muito embora, ainda sob os cuidados do Coordenador Geral da USP, Dr Cidmar Teodoro Paes.

É um período marcante em nossa memória, pela presença dos insígnis e queridos professores da USP, que, por um dever de gratidão, não podemos deixar de mencionar: Dr Alfredo Bosi, Dr Cidmar Theodoro Paes, Dr Rolando Morel Pinto, Dr Erasmo de Almeida Magalhães e outros que tinham presença mais esporádica.

Lembro-me das vezes em que, acompanhados de familiares, esposas ou filhos, nós, meu marido e eu, os hospedávamos para que tivessem ambiente mais acolhedor para prosseguir em seus trabalhos. Dentre os que chegaram mais tarde, não podemos, em hipótese alguma, deixar de mencionar um dos esteios de nossos cursos de Linguística, professor Augustinus Staub que foi, sempre, presença segura, amiga e competente, tanto para ministração das aulas, quanto para orientação das dissertações.

Mais tarde, tivemos, também, Dr Flávio Kothe que nos ofereceu importantes cursos na área de Teoria da Literatura. Ainda, forte na memória, ficou o Curso sobre "O Processo de Montagem na Poesia", ministrado pelo professor Dr Boris Schneidermann, da USP. E, para palestras e participação em Bancas, não podemos deixar de mencionar a participação brilhante do professor Leodegário Amaral de Azevedo Filho, da UFRJ.

Agora, uma palavrinha sobre o histórico de como se deu o desmembramento dos núcleos de Ciências Humanas e Letras, no ato da criação dos respectivos Mestrados.

De 1972 a 1974, tínhamos, como já foi dito, um Coordenador oficial da USP, Dr Cidmar Theodoro Paes, mas, para muitas das providências locais, nos períodos de ausência do Coordenador, funcionavam, officiosamente, Pe Pallacin, para a área de História e Professora Moema de Castro e Silva Olival, para a área de Letras. De tal modo que, instituído o Mestrado da UFG, nas respectivas áreas, fomos os seus naturais candidatos à Coordenação, familiarizados que estávamos com os problemas e características específicas dos mencionados setores: Pe Pallacin, para História; Moema de Castro e Silva Olival, para

Letras e Linguística.

Fui, assim, a primeira Coordenadora, de 1974 a 76, depois, de 76 a 78. Reconduzida em 1982, tive mais dois períodos: 82 a 84; 84 a 86.

Foram oito anos em que batalhamos heroicamente, sem dispensa de nossas aulas na graduação, ainda que reduzida, relativamente, a carga hora-aula, e repararem, ainda que por mera curiosidade, sem gratificação funcional, que, à época, ainda não havia. Só a criaram, no ano seguinte em que deixei a função de Coordenadora.

Houve um momento em que, na área de Letras, o Mestrado era sustentado pelo idealismo de alguns poucos, heróis da resistência -uma vez que a maioria estava de licença para doutoramento- e por alguns professores de fora, recaindo o peso dos trabalhos docentes sobretudo sobre mim e o jovem Professor Wendel Santos, que me sucedeu na Coordenação, após os primeiros quatro anos, mas que, infelizmente, acometido de pertinaz doença, não pôde continuar uma carreira que prometia ser tão brilhante, com estudos publicados em livros e revistas na área da Crítica Literária. Envolvido pelo mal, sem querer deixar o seu posto, para não se sentir sucumbido pela doença, Wendel tentou continuar sua missão até que se sentiu, e ao Curso, fraquejar. Guardo na memória e no coração a voz de Wendel Santos, enfraquecido pela doença, a me solicitar, por telefone, que reassumisse, condição— para ele, na sua generosidade e confiança de ex-aluno -indispensável para salvar o nosso Curso.

Como escudo deste Mestrado emergente, devo me referir aos Reitores Farnese Dias Maciel, Paulo Perilo, José Cruciano de Araújo, Ricardo Buffaiçal (desculpem-me se houver alguma falha de memória), a Pró-Reitores Nancy Ribeiro de Araújo e Joaquim Caetano, Dr Paulo Roberto Figueiredo da Silva, quando as providências exigiam, muitas vezes, ações rápidas e criativas.

Retomando a Coordenação, com o apoio dos professores do Mestrado e de nosso Departamento, merecendo a confiança e estímulo da então Reitora Maria do Rosário Cassimiro, da Pró-Reitora Janaína Passos, que nos deram decisiva força, conseguimos reestruturar o Curso, naquele momento, aconselhado à desativação pela CAPES, estimular as pesquisas e defesas de dissertações, incentivar o corpo docente e discente, restabelecer o crédito de nosso Mestrado, perante as Instituições oficiais, iniciativas laboriosas mas que, levadas a efeito, resultaram nas condições que nos permitiram partir para o pedido de credenciamento do Curso, junto a Conselho Federal de Educação. No encaminhamento deste processo, despachado favoravelmente, a 3/12/85, sobressai a figura digna e competente do Dr Afrânio dos Santos Coutinho, membro do Conselho Federal de Educação, que aqui esteve para conhecer o Curso e suas condições de funcionamento e que acreditou em nossas possibilidades.

Mas, então, a equipe do Mestrado estava crescendo. Retornavam seus professores, afastados, em licença para doutoramento e, logo, nos ofereceram, ou foram intimados a oferecer, seus préstimos. Foram eles : Prof. Dr Ático Vilas Boas Mota, e toda sua experiência, sobretudo na área de Literatura Popular, Mons. Primo Vieira, especialista em Fernando Pessoa. Na área de Teoria da Literatura, doutores José Alves Zanatta, Luís Alberto



Miranda; a professora Zênia de Faria, fazendo os créditos de doutorado na França, retoma o trabalho, enquanto redige sua tese, que acaba sendo defendida, com brilho, na USP; Dra Léa Gamarski, Dr José Arnaldo Marquesin, e os Mestres Augusto Mene Goyano e Maria Helena de Souza, com seus belos cursos sobre teatro. Também, as Mestras Vera Maria Tietzmann e Darcy França Denófrío que ministraram competentes Cursos nas áreas de Teoria e Literatura, atuando, a primeira, na área dos Contos; a segunda, na área da Poesia.

Ainda, de outros Estados, mediante Concurso, chegavam-nos novos e preciosos elementos como o professor Dr José Fernandes que muito fez pelo nosso Mestrado, tanto na Coordenação -que ele assumiria em 86- quanto nas aulas e orientações; o professor Dr Orlando Antunes Batista, competente e criativo, a quem entregamos a organização da primeira revista do Curso, cuja primeira edição, já com o título definitivo *Signótica*, deu-se em 86 e, hoje, está na 9ª edição.

Ao sairmos, em definitivo, da Coordenação, já a deixamos registrada no ISSN, com o n. 01037250. Nossa produção aumentava em termos de artigos, ensaios, pesquisa. Não podemos deixar de mencionar -tanto na ministração dos Cursos quanto na Coordenação- o papel dinâmico da Dra Dulce Mindlin, e a presença de novos elementos qualificados, como o professor Heleno Godoy, vindo da UCG, e fazendo seu doutoramento na USP, mas, já, um grande nome em nossa produção acadêmica, professora Vera Tietzmann, já mencionada, currículo brilhante em nosso elenco de professores e atual Diretora da Faculdade de Letras, sucedendo à professora Eliane Fernandes, mestra dinâmica, que soube dar apoio ao nosso Mestrado. Professora Elísia da Paixão, recém chegada da Espanha, onde se encontrava fazendo estudos de Pós-Graduação, Professora Zaira Turchi e Maria Luíza Laboissière de Carvalho, ex-alunas, nossas grandes esperanças, já professoras do ICHL, e que acabaram defendendo, com brilhantismo, em 98, 99, tese de doutoramento, respectivamente em São Paulo e São José do Rio Preto. Ainda, novos elementos que vieram enriquecer nossos quadros, como Dr Manuel de Souza, Dra Marilúcia M Ramos, e Dra Márcia Bortoni,



Dr Pedro Fonseca, que logo chegou a Coordenador do Mestrado e outros membros mais recentes.

Lembraria, também, o professor Gilberto Mendonça Teles que, embora professor na UFRJ e na Universidade Católica do R.J., sempre emprestou sua participação e orientação competentes aos nossos Cursos.

Na área de Linguística, o Museu Antropológico foi o sustentáculo precioso das atividades de pesquisa e sistematização do campo fértil e pouco explorado de nossas características de linguagem, mas, sobretudo, dos estudos de línguas indígenas, cunhando o perfil que, por si, a nosso ver, já justificava o incentivo a esta área cujas pesquisas foram orientadas e consolidadas graças a atuação dinâmica do grande especialista Dr Aryon Dall'Ignea Rodrigues. Sob risco de grande injustiça, não poderíamos deixar de realçar o trabalho pioneiro e fundamental de alguns pesquisadores nossos, como o da Dr Edna Luíza de Mello Taveira, da Professora Lydia Polech, que, sendo gaúcha, trabalha à la mineira, em silêncio, e sempre. Aparentada, continua prestando sua colaboração ao Museu. Modesta, se erige como uma das pioneiras mais presentes na História da Universidade. Permitam-me uma digressão, dirigida, principalmente, aos novos, que têm todo um arsenal de assessoria à disposição: houve uma época em que ela, Professor Manuel Bueno de Brito e eu, sozinhos, realizávamos -o que quer dizer elaborar provas, organizar, aplicar e corrigir- todo o vestibular, leia-se provas de Língua Portuguesa, da UFG.

Ainda, temos de mencionar, na área de pesquisas linguísticas, o trabalho dinâmico de Dra Raquel Figueiredo Teixeira -cursos e orientações- Dra Sylvia Bracchio, Dra Marita Porto Cavalcante, Dra Suely Aguiar, dos Mestres Marlene Fischer, Luís Araújo e Mariza Villefort e outros.

Convém salientar a atuação excepcional, à frente da Editora da UFG, de um dos brilhantes frutos da primeira fase do Mestrado: a professora Ione Maria Valadares, a cuja visão, e conhecimentos atualizados, devemos grande parte do prestígio de que goza aquela Editora.

E aqui fora, brilhando na produção literária, também ex-mestrandos: Darcy França Denófrio, Augusta Faro Fleury de Melo, Braz Coelho, He-loísa Helena-Curado, Manuel Bueno de Brito, Luiz Araújo, Heleno Godoy, poetas e prosadores, além de ensaístas vários como, só na área de Literatura, Darcy França Denófrio, Vera Maria Tietzmann, Zaíra Turcchi, que hoje coordena o Mestrado, ainda, Getúlio Pontes, Heleno Godoy, Romildo Sant'Anna, Aldair Aires. Maria Luíza Laboissière, Hilda Go-

mes, Marília Núbile, Ercília Macedo, Augusto Neme Goiano, Eliana Gabriel, Wilna Coelho, Ângela Jungmann, Luzia Sisterolli e tantos outros. Não posso me esquecer de um dado importante: quantos de nossos mestres, alguns já doutorados, não constituem os quadros docentes da UFG, na área de Letras: Albertina Vicentini A Rodrigues, Lacy Guaraciaba, Terezinha Martins, Regina Lúcia, João Ernani, Éris Antônio de Oliveira, e mais. É a Universidade elevando o padrão cultural do Estado.

Entenda-se bem. Não estou atribuindo, a nosso Mestrado, a autoria decisiva do êxito destes profissionais, mas dizendo que, no exercício de suas atividades literárias e acadêmicas, germinam células de uma visão atualizada do mundo e a consciência crítica sobre o homem e sua cultura, pontos que, sem dúvida, se renovaram e fortaleceram em nossos Cursos, de que acabam sendo testemunhas históricas, além da capacidade de refluir, para a comunidade, os efeitos de uma visão progressista e dinâmica.

Fiz questão de citar nomes, correndo o enorme risco de pecar por fragilidade da memória (para o que, caso aconteça, já peço desculpas antecipadas), referências a que acrescentaria o nome de nossas eficientes e queridas secretárias Carmina Gonçalves e Consuelo de Lourdes Costa.

É que estes nomes todos e os que, por lapso lastimável, possam ter sido esquecidos, neste momento, constituem os marcos de um painel precioso, a perpetuar para a posteridade, a saga vitoriosa da UFG, nos seus Cursos de Mestrado em Letras e Linguística.

Com 146 dissertações defendidas, com produção satisfatória, com revista qualificada gozando de boa circulação, este Mestrado, que representou tanto de idealismos e lutas, pisa, agora, terreno mais consolidado, sob a coordenação da Professora Maria Zaíra Turchi.

Fundamental, que não perca a força do idealismo com que foi criado, e que continue a representar a célula de resistência de nossos estudos de Letras, através de suas pesquisas e produções para o que necessita da colaboração de todos, mesmo porque esta é a condição vital para sua realização acadêmica.

Meus votos para que ele, que ocupa espaço especial em meu coração, não se descaracterize quanto ao perfil que o marcava no momento de seu credenciamento, e que, se cultuado, pode assegurar sua identidade. Para reavivá-lo, neste instante, em nossa memória, relembremos o ponto principal: o de que, em suas linhas de pesquisa, tanto na área de Letras, quanto de Linguística, privilegie o enfoque dos valores culturais da região.

Os agradecimentos especiais àqueles que, com garra, determinação e generosidade, colaboraram e/ou colaboram, para sua real concretização.

Mensagem do prof. Ricardo Freua Bufaiçal

«Ao ensejo dos 40 anos de existência da Universidade Federal de Goiás, gostaria de manifestar minhas congratulações a todos aqueles que contribuíram - com seu esforço, dedicação e luta - para a consolidação desta importantíssima instituição de ensino superior, certamente uma das mais promissoras do Centro-Oeste. Parabéns, UFG, pelos excelentes serviços prestados em prol do desenvolvimento educacional, científico, tecnológico e cultural do País.»